

A (In)visibilidade dos Kotirias: a sobrevida pela tradução

Patrick Rezende

Abstract: From a postcolonial and poststructuralist perspective, this article reflects on how history is continuously retold within a process that (de)limits the identity characteristics of minority cultural groups, within the walls of a “dominating” world. Indigenous peoples in the Americas have had their (hi)stories silenced by the will of the “Western” world, a will that more recently has been bending, fortunately, towards *m'ypé*, that is, attempts at “mending”. Taking *m'ypé* into consideration, translation can be rethought as a way of giving visibility to groups that find, in their narrative forms, ways of (re)telling their (hi)stories. In this article I examine a narrative from the Kotiria, an indigenous group that lives on the border between Brazil and Colombia. Looking at one narrative—taken from the *Série Kotiria*, organized by the anthropologist Janet Chernela—and focusing on Lawrence Venuti’s (in)visibility theory, I discuss how we may learn more from the Kotiria’s voices about the indigenous past, and how those voices still address, and directly so, much about the present.

Keywords: translation, translator's invisibility, Indigenous narratives, Kotiria, postcolonialism

Résumé : Cet article, fondé sur une perspective postcoloniale et poststructuraliste, montre comment l'histoire est continuellement reracontée avec un processus qui (dé)limite les caractéristiques identitaires des groupes culturels minoritaires et ce dans l'enceinte d'un monde « dominant ». L'histoire, les histoires, des peuples autochtones des Amériques ont été passées sous silence. Telle était l'intention du monde « occidental », intention qui, récemment, semble, heureusement, prendre une autre voie, celle du *m'ypé*, en d'autres termes, la voie de la « réparation ». Si l'on repense la traduction en tenant compte du *m'ypé*, elle peut alors devenir un moyen de donner de la visibilité aux groupes qui trouvent, dans leurs formes narratives, des façons de (re)raconter leur histoire et leurs histoires. Dans cet article, j'étudie un récit du groupe des Kotiria, peuple autochtone vivant près de la frontière entre le Brésil et la Colombie. Avec un récit, extrait de *Série Kotiria* organisé par l'anthropologue Janet Chernela, et la théorie de la visibilité/invisibilité de Venuti, nous voyons comment nous pouvons en apprendre plus sur le passé autochtone grâce aux propos des Kotiria, et comment leurs voix est en accord avec le présent, et ce de manière très directe.

Mots clés : Traduction; invisibilité du traducteur; histoires autochtones, Kotiria; post-colonialisme

Resumo: Este trabalho se propõe a refletir, a partir de teóricos pós-coloniais e pós-estruturalistas, sobre as formas como a tradição vem traduzindo e contando as histórias em um processo que (de)limita as características identitárias de grupos culturais minoritários entre os muros do mundo ocidental, onde povos indígenas de todas as Américas vêm tendo suas histórias silenciadas pelo desejo das sociedades dominantes. Assim, considerando o conceito de *m'ypé* – modos de reparação – buscar-se-á repensar a tradução como forma de dar visibilidade a um povo que (re)encontrou nas suas narrativas maneiras de (re)contar suas histórias, possibilitando assim que os Kotiria, indígenas situados na fronteira entre o Brasil e a Colômbia, (re)descobrissem as vozes do passado que dizem muito sobre o presente. Apresentamos e analisamos um dos relatos da *Série Kotiria*, organizada pela antropóloga Janet Chernela, à luz de teoria da (in)visibilidade de Lawrence Venuti, buscando pontuar momentos em que a tradução (in)visibiliza os indígenas.

Palavras-chave: Tradução; Invisibilidade do tradutor; Narrativas indígenas, Kotiria; Pós-colonialismo.

Resumen: A partir de una perspectiva poscolonial y postestructuralista en este artículo se realiza una reflexión acerca del modo en que la historia es contada una y otra vez como parte de un proceso que (de)limita las características identitarias de grupos culturales minoritarios al interior de los muros del mundo “dominante”. Los pueblos indígenas de América han visto cómo sus historias son silenciadas por la voluntad del mundo “occidental”, una voluntad que recientemente, por suerte, se ha ido inclinando hacia *m'ypé*, es decir, hacia tentativas de “reparación”. El artículo plantea que, a partir de la idea de

m'ypé, se puede repensar la traducción como vía de visibilización de grupos que tienen, en sus formas narrativas, maneras de contar de nuevo su historia. Específicamente se concentra en un relato de los kotiria o wanano, grupo indígena que habita en la zona fronteriza entre Brasil y Colombia. Partiendo del relato—tomado de la *Série Kotiria*, que coordinó la antropóloga Janet Chernela—y con base en la teoría de la (in)visibilidad en la traducción de Lawrence Venuti, se plantea lo que se puede aprender a partir de las voces kotiria para comprender el pasado indígena y la manera en que dichas voces abordan, y de manera directa, el presente.

Keywords: traducción, invisibilidad del traductor, narrativas indígenas, kotiria, poscolonialismo

1- Algumas palavras iniciais...¹

Lá onde a linha do Equador corta, separa, segrega e divide o mundo em sul e norte, lá, para além de terras longínquas de difícil acesso, mas de beleza exuberante e singular, encontra-se o Alto do Rio Negro, região que sutura, junta, integra e liga o que o trópico imaginário insiste em delimitar no espaço físico, marcação que se sente na pele. É nessa região, entre a Amazônia brasileira e a colombiana, entre o sul e o norte, no *entrelugar*, que vivem os Kotirias (Wanano), grupo indígena de língua da família Tukano que vem resistindo aos séculos de invasões. Resistência essa que se mostra como um sofisticado processo tradutório, cruzado por adaptações, modulações, transposições, decalques, naturalizações, contrações e omissões.

Neste artigo, apresentaremos um complexo e instigante trabalho de resgate de narrativas desse povo, que vem lutando para que suas tradições não se percam e que futuras gerações possam ter acesso às formas de sentir e viver o mundo a partir dessas vozes do passado, que nos ajudam a descobrir quem somos, de onde viemos e, quem sabe, para onde vamos. Narrativas que interessam não apenas aos Kotirias, mas a todos que buscam conhecer outras possibilidades de enxergar e compreender o mundo e outras formas de vida.

De tal forma, primeiramente buscaremos refletir sobre o papel político da tradução, ferramenta capaz de silenciar e dar voz concomitantemente, passando, assim, a uma breve discussão sobre a possibilidade de sobrevida das narrativas Kotirias via processos tradutórios, para então analisarmos a narrativa *Wa'i Duhi Ta'ri Hire* e suas traduções para o português e inglês.

2- O silenciamento pela tradução

No livro *Siting Translation: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*, Tejaswini Niranjana retorna aos trabalhos dos teóricos Benjamin, Derrida e DeMan para refletir sobre a posição política da tradução. A autora enfatiza que a prática tradutória tem sido uma ferramenta singular na manutenção das relações díspares de poder entre povos, línguas e culturas.

Ao revisitar o prestigiado artigo “A tarefa do Tradutor”, de Walter Benjamin, Niranjana aponta como a tradução vem sendo usada pelos poderes coloniais para subjugação e subalternização. Os processos de (re)leitura e (re)escrita envolvem

¹ Agradeço à professora doutora Marcia do Amaral Peixoto Martins pelas diversas sugestões durante o processo de escrita e à professora doutora Janet Chernela por gentilmente autorizar o uso das imagens presentes no trabalho.

transformações e adaptações de um determinado contexto para outro sob uma ótica tradicional que estão constantemente relacionados às concepções da filosofia ocidental. Tal visão de tradução corrobora as práticas coloniais que produzem a imagem da alteridade a partir do exotismo e fetichismo, portanto, passíveis de apropriação e controle. Emerge deste contexto uma relação paradoxal de desejo e recusa sobre as diferenças – anseio em se apropriar do outro ao mesmo tempo em que se rejeita a forma como esse se apresenta.

Niranjana pontua que o continente europeu invadiu quase a totalidade do planeta: “por volta de 1918, potências europeias tinham colonizado 85 por cento da superfície da Terra” (7). Assim, é importante perceber que diferentes sociedades, histórias, narrativas e perspectivas dos quatro cantos do mundo foram cruzadas, talhadas, modificadas, traduzidas e contadas a partir do interesse do “velho continente”, que impôs sua cultura, seus valores e, sobretudo, sua voz com um forte sotaque europeizado. A Europa não apenas decidiu o que traduzir e contar, mas, acima de tudo as formas de como conduzir tais tarefas, impondo suas traduções a todos, especialmente aos colonizados. A tradução, entendida em diferentes formas, sempre foi um dos modos essenciais na reapropriação da história. Walter Mignolo aponta, ao propor uma reflexão sobre os processos coloniais da América, que a Europa, por meio da dominação das práticas discursivas, foi capaz de escrever a história transformando um continente já habitado e com uma longa historicidade em algo novo.

A tradição ocidental vem traduzindo e contando as histórias como se fossem universais, valendo-se de diversas práticas que delimitam os poderes, inclusive a possibilidade de autorrepresentação das sociedades e dos indivíduos que estão fora dos limites dos muros do Ocidente. Nesse processo de cercar, grupos culturais acabaram por assimilar percepções sobre eles próprios que inúmeras vezes não passam de tradições inventadas, como pontua Hosbawm.

A tradução é uma das atividades mais antigas e importantes na tramitação do conhecimento e exatamente por lidar com questões de representação, que leva adiante civilizações, é que todo ato tradutório é, antes de tudo, político. Ao traduzir, somos levados a fazer escolhas, não entre A ou B, mas entre inúmeras possibilidades de significação. Gesto que pode parecer a princípio simples, mas que está continuamente cruzado por uma rede de relações que deflagram qualquer tentativa de neutralidade. A tradução permite ao mesmo tempo ampliar e limitar, abrir e fechar, dar e retirar visões, escolhas, caminhos e perspectivas, sendo a transformação aquilo que une todas as características do ato tradutório. Traduzir não apenas cria um produto final, mas possibilita também modificar, renovar e, sobretudo, dar sobrevida aos textos e contextos traduzidos. Em outras palavras, a tradução é sempre um processo que lida com tensões que permitem criar continuamente novas reescritas.

Portanto, levando em consideração a tradução como uma atividade, antes de tudo, política, logo, imersa nas relações de poder, Lawrence Venuti (*The Translator's Invisibility*) desconstrói a concepção da tarefa do tradutor como um ato servil e a defende como prática de resistência capaz de promover mudanças socioculturais significativas. Estas transformações são capazes de dar voz aos que vêm sendo silenciados através dos discursos dominantes que insistem em impor sua visão de mundo.

Em todo o continente americano os indígenas tiveram, e continuam tendo, suas bocas emudecidas pelos interesses ocidentais desde os processos de invasão e colonização. Eni Orlandi (26-27) nos lembra de que esse processo de silenciamento é

lançado pelos poderes dominantes e tomado pelos dominados, produzindo discursos que apresentam os colonizados como “cópias em seus imaginários, cópias malfeitas a serem passadas a limpo; enquanto, do outro lado, assumindo a condição de simulacros – imagens rebeldes e avessas a qualquer representação –,” os colonizados acabam por assumir tais representações.

Venuti pontua que é preciso buscar formas de romper com esses efeitos hegemônicos domesticadores que estão presentes em todos os níveis do discurso, logo, também no processo de tradução. Para isto, o teórico defende utilizar-se da tarefa tradutória como possibilidade de reconhecimento da violência epistêmica e de mudanças desses modos operantes. É nessa direção que Venuti observa a potencialidade de modificar as estruturas hegemônicas pelo próprio processo tradutório, pois a “tradução se torna um meio estratégico pelo qual o processo educacional de formação de identidade pode ser estudado e mudado” (*Escândalos da tradução* 198).

3- Lawrence Venuti: (In)visibilidade, domesticação e estrangeirização

No livro *The Translator's Invisibility: A History of Translation*, Lawrence Venuti se propõe a refletir sobre a invisibilidade do tradutor e da tradução, principalmente no contexto anglo-saxão, advogando por um reposicionamento do status tanto do processo tradutório quanto de seu profissional. A importância dessa obra é a tentativa de denunciar, e consequentemente impugnar, as formas como a tradução vem sendo analisada, teorizada e, sobretudo, utilizada.

A reflexão central do livro, a invisibilidade, pode ser ampliada para além da tradução, abarcando quaisquer formas discursivas. Em todo caso, a questão da invisibilidade está atrelada ao fenômeno da transparência. Pela tradição, a qualidade da tradução é medida por sua cristalinidade e fluência, ou seja, considera-se uma produção adequada aquela que aparenta haver sido originada na língua-meta. Venuti argumenta que essa obsessão por traduções transparentes maquia a conjuntura na qual a tradução é produzida, dando a ela um ar de suposta neutralidade. Tal estratégia almeja, por mais ilusório que seja, desaparecer com os rastros de intervenção do tradutor, em uma constante tentativa de esconder e anular as diferenças, sejam elas linguísticas, ideológicas e culturais. A consequência da prática é a própria invisibilidade do tradutor e da sua árdua tarefa. *A tradução transparente* acaba por desconsiderar a heterogeneidade presente nas línguas e transforma o texto traduzido em produto que transborda práticas e formas de representação, ideologias, valores e aspectos da cultura meta, encobrendo todas as diferenças presentes e se “esquecendo” de que

o texto não é, de forma alguma, um objeto estático, mas uma fluidez de significados possíveis que pode crescer ou decrescer com cada mudança de contexto, com cada ‘iteração’, então o esforço do tradutor para dar significado ao original através de sua substituição por uma cadeia significante substancialmente diferente acarreta a criação de um contexto totalmente novo que (re)constitui e restringe, e portanto pode mudar, o significado do original. (*A invisibilidade do tradutor* 114)

Venuti aponta (*Rethinking Translation*) que o apego pela fluência na reescrita tem como consequência um processo de aculturação que domestica o texto estrangeiro,

objetivando torná-lo compreensível para o leitor da tradução, o que produz uma experiência narcisista, ou seja, o leitor reconhece sua própria cultura no *outro*, atitude esta que o teórico chama de imperialista.

Como forma de resistência à invisibilidade, Venuti – levando em consideração o trabalho de Philip Lewis – propõe aos tradutores a fidelidade abusiva², produzindo traduções que provoquem o estranhamento no leitor, ou seja, rejeitar a fluência em favor de estratégias que evitem efeitos de transparência, tornando, assim, a tarefa tradutória visível e expondo o tradutor como agente político, capaz de realçar e valorizar as diferenças linguísticas e culturais. Ao leitor, caberia treinar seus olhos para uma leitura crítica, estando consciente de estar em posse de uma reescrita, de tal forma, demandando dele vigilância às singularidades presentes na obra original.

Outros dois conceitos que fazem parte da teoria da invisibilidade venutiana são as estratégias tradutórias de *estrangeirização* e de *domesticação*. Influenciado por Schleiermacher, que na conferência de 1813 – *Sobre os diferentes métodos de tradução* – aponta que “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele” (43), Venuti acrescenta um viés ideológico althusseriano e denomina as práticas tradutórias que ocultam as diferenças, prezando pela fluência e se adaptando a partir dos interesses da cultura de chegada, como traduções domesticadoras. Por outro lado, as reescritas que levam o leitor da tradução até o original, mantendo as estranhezas e as diferenças da cultura de partida são entendidas pelo teórico como estrangeirizadoras.

Venuti critica a tradução domesticadora, já que o tradutor é coagido a aproximar o texto fonte da cultura meta, apagando aspectos com os quais o leitor não está familiarizado, valorizando, sobretudo, o cânone. Em oposição a isso, o teórico pesquisador defende processos tradutórios estrangeirizadores, pois demandam maior interferência do tradutor, dando-lhe maior visibilidade e tirando o leitor da zona de conforto, permitindo-lhe estar em contato com contextos culturais e ideológicos diferentes dos seus. Tal estratégia permite que discursos marginalizados e subalternizados, como o das feministas, dos homossexuais e dos indígenas sejam incorporados à cultura meta, forçando que novos gêneros, traços, características e modos sejam introduzidos.

A tradução deve ser vista como um *tertium datum*, que ‘soa estrangeiro’ para o leitor, mas tem uma aparência opaca que a impede de parecer uma janela transparente através da qual se visse o autor ou o texto original: é esta opacidade – um uso da língua que resista à leitura fácil segundo os padrões contemporâneos – que deixará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena do texto estrangeiro. Uma tradução deste tipo será lida, simplesmente, como se houvesse sido traduzida. (*A invisibilidade do tradutor* 118)

² Conceito proposto por Philip Lewis, que defende essa estratégia tradutória como possibilidade mais sofisticada de pensar o ato de traduzir que leva sempre em consideração a intervenção direta tanto de influências humanas quanto contextuais. Para maior aprofundamento no conceito, bem como nas questões relacionadas ao “abuso na tradução” e “tradução abusiva” verificar *The Measure of Translation Effects* de Philip Lewis.

4- A (in)visibilidade das narrativas indígenas: sobrevida pela tradução

Michaël Oustinoff, em seu livro *Tradução: história, teorias e métodos*, aponta que “a tradução pode se revelar, na plena acepção do termo, como a condição de sobrevivência de uma língua” (13), ou seja, sua sobrevida e, conseqüentemente a cultura nela imersa, depende da sua capacidade de tradução. Entretanto, é importante perceber que tal possibilidade está atrelada a uma complexa rede de relações de poder. O que se traduz, como se traduz, para quem se traduz e o porquê de se traduzir determinada produção discursiva estão intrinsecamente ligadas às formas de apropriação do saber, principalmente no Ocidente. Perceber tais mecanismos que envolvem o processo tradutório é o primeiro movimento para provocar rachaduras que possibilitem a entrada de epistemologias periféricas aos resistentes muros ocidentais.

Daí a importância de retomarmos Venuti (*A invisibilidade do tradutor*) e sua proposta de *escrita de resistência*, não entendida aqui apenas como uma produção densa, que desestabilize o leitor acostumado a “leituras fáceis”, mas também como escritas que promovam abalos nos cânones de uma determinada cultura ao dar voz a produções discursivas marginais. Em outras palavras, a forma de resistir proposta por Venuti vai além de produzir traduções estrangeirizadoras, mas, sobretudo, optar por traduzir obras que estimulem a cultura meta a ser contaminada por culturas que apresentam status de menoridade.

O *corpus* que ora apresentaremos é uma das inúmeras formas de resistência à tentativa de se produzir uma história universal. É importante frisar que nos mais de cinco séculos de invasões nas Américas é possível encontrar rastros de oposição, em diferentes níveis, aos anseios do Ocidente. Resistência que começa na contaminação das línguas dos invasores, marcando não apenas linguisticamente portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e outros que por aqui atracaram, mas mudando principalmente as formas de vida.

Valendo-se de ferramentas e táticas muito conhecidas pelas sociedades ocidentais para silenciar, inúmeras comunidades subverteram tais práticas para dar sobrevida às suas culturas. De tal forma, um desses casos recalcitrantes que extrapola os limites impostos e expõe a capacidade de comunidades indígenas se autorrepresentarem, deslocando a tradução de ferramenta de silenciamento para artefato que possibilita recontar histórias, é o processo de retomada e tradução de narrativas pertencentes aos Kotirias, também conhecidos como Wanano, de língua pertencente à família Tukano.

Janet Chernela, professora e antropóloga estadunidense, morava na região do Alto Rio Negro, no Amazonas, aonde conduzia suas pesquisas de doutoramento na década de 1970, quando importantes membros de tribos Kotirias a questionaram se não haveria com ela algum gravador. Ao sinal positivo, os indígenas anciãos lhe explicaram que as gerações seguintes corriam o sério risco de não conhecer as narrativas dos seus antepassados, logo, queriam gravá-las para que assim não fossem esquecidas. Dessa forma, uma complexa trama de narrativas que contam as tradições, as crenças, as maneiras de organização e as formas de vida desse povo foram gravadas em dezenas de horas que depois vieram a ser agrupadas e guardadas sob o título de *Tucanoan Languages Collection*.

Décadas após as gravações terem sido coletadas, membros dessas comunidades indígenas, adolescentes à época, relataram à Chernela que as previsões temidas daqueles anciãos já haviam se materializado. Assim, essa geração que sentia haver perdido parte de sua cultura recorreu à pesquisadora com o intuito de que suas

narrativas fossem recuperadas. Em um extenso trabalho de retomada de vozes do passado, indígenas, pesquisadores de diferentes universidades, poetas e tradutores vêm buscando, por meio de um trabalho minucioso, trazer de volta essas histórias que contam muito não apenas sobre os Kotirias, mas sobre todos nós.

Da tentativa de dar a tais comunidades indígenas acesso às suas histórias e assim possibilidade de recontá-las por eles próprios para as gerações futuras, duas narrativas já foram recuperadas e publicadas: “*Waí Duhi Ta’ri Hire!* De Pássaro Para Peixe: como os pássaros descem do céu e se transformam em peixes” e “*Ña’pichoã* / As Estrelas de Chuva: o ciclo anual de chuvas e enchentes”, fazendo parte da *Série Kotiria*³. Ambas tiveram a presença ativa dos indígenas, que narraram, ilustraram e transcreveram as narrativas. As obras são apresentadas em Kotiria, em uma edição que conta com traduções para o português e o inglês, possibilitando ao leitor cotejar as línguas.

A retomada das narrativas, suas transcrições e publicações permitem aos indígenas revisitarem suas tradições, muitas esquecidas e outras desconhecidas pelas gerações atuais. Tal esforço pode ser uma grande possibilidade para que eles conheçam mais sobre sua língua e possam se utilizar cada vez mais dela para se constituírem.

As traduções, por sua vez, permitem que esse povo vá para além da região amazônica e penetre inúmeras outras culturas, possibilitando que suas ricas tradições cheguem a outros olhos e ouvidos. Com isso, os Kotirias vão rompendo a hegemonia dos discursos dominantes, apresentando outras formas de olhar, sentir, entender e viver o mundo. Em outras palavras, a tradução está dando visibilidade não só a um povo, mas a uma cultura que foi destituída inúmeras vezes da possibilidade de se representar. Além disto, ao se traduzir tais narrativas, a cultura Kotiria vai, aos poucos, perdendo seu status marginal e ao mesmo tempo *minorizando* as línguas e culturas dominantes (Venuti, *Escândalos da tradução*).

5- Tradução: a multiplicidade de línguas e o transbordamento dos Kotirias.

No século XIX, Jean-François Champollion conseguiu finalmente decifrar os misteriosos hieróglifos egípcios. Tal façanha só foi possível porque um pedaço de uma estela, conhecida posteriormente como pedra da Roseta, continha o mesmo texto em três diferentes línguas. Possivelmente, o idioma do antigo Egito só foi decifrado porque havia traduções em demótico e grego antigo, o que permitiu que no complexo e minucioso processo de cotejo se buscasse os rastros, os traços que evidenciam que “não há, assim, fronteiras entre línguas; elas se complementam, provocando e proporcionando um transbordamento e evidenciando a multiplicidade de línguas envolvidas na tradução” (Ottoni, *Tradução manifesta* 50). A pedra da Roseta evidencia o que Derrida (*L’oreille de l’autre*) chama de *double bind*, as relações conflitantes emergidas da necessidade da tradução e da sua impossibilidade.

Derrida, em seu prestigiado texto *Torres de Babel*, questiona: “Como traduzir um texto escrito em diversas línguas ao mesmo tempo? Como “devolver” o efeito de pluralidade? E se se traduz para diversas línguas ao mesmo tempo, chamar-ser-á a isso traduzir?” (20). Paulo Ottoni (*Tradução Manifesta* 51), continuando a reflexão

³ Série Kotiria foi publicada pela Reggo Edições a partir de 2014 – com o apoio da Associação Indígena do povo Kotiria, da prefeitura de Manaus e do projeto de extensão *Quintahabilidade* da Universidade Federal do Espírito Santo – e reúne narrativas do povo Kotiria coletadas pela antropóloga Janet Chernela.

proposta por Derrida, aponta que se desconstruirmos a ideia de tradução como algo transcendental, é possível, paulatinamente, perceber que língua e tradução se *(con)fundem*, que uma depende da outra para sobreviver. “O sujeito, ao traduzir, está ‘entre’ a diferença de dois sistemas linguísticos e no ‘meio’ das várias línguas que compõem as línguas envolvidas na tradução” (Ottoni, “Compreensão e Interpretação” 23-24).

Assim como a pedra da Roseta foi literalmente a pedra inicial na construção de toda uma rede de conhecimentos variados sobre inúmeros aspectos da antiguidade egípcia, a retomada das narrativas Kotirias pode ser entendida como o início da sobrevida dessa cultura graças aos processos tradutórios. Tal analogia é uma tentativa de chamar a atenção para a importância da tradução não apenas na constituição de uma civilização, mas de sua manutenção. Quando Champollion percebeu que as traduções presentes naquela estela não apenas promoviam a língua do Egito antigo, mas a fazia transbordar, foi capaz de observar as diferenças e semelhanças presentes entre as línguas ali inscritas, como também pode notar que tais características também estão presentes numa mesma língua (Derrida, *L’oreille de l’autre*). Daí a importância de destrincharmos os textos e contextos, afinal, como diz a máxima derridiana, não há nada fora do texto (Derrida, *Gramatologia*). Assim, “da mesma maneira que dissecamos o corpo para melhor compreender os mecanismos de uma vida, é preciso desmontar o corpo/texto, classificar as partes e compreender como as partes interagem” (DePaula, “Porque a tradução” 175).

Champollion não conhecia os significados dos hieróglifos; de maneira análoga eu, infelizmente, não conheço ainda a língua dos Kotirias, mas por ser falante de português e inglês ponho-me diante dessa narrativa como o arqueólogo francês se pôs diante da estela, buscando, via cotejo, espaços que escapam, unem e nos mostram que língua é língua, e uma acaba por transbordar na outra. Claramente, diferente dos hieróglifos, há falantes, conhecedores e até gramática descritiva (cf. Stenzel) de Kotiria. Entretanto, o não conhecimento ou domínio da língua não deve ser um impedimento para refletir, discutir e, conseqüentemente, buscar conhecer mais sobre ela. De tal forma, a tradução é a fonte pela qual vamos conhecendo e descobrindo mais sobre a cultura Kotiria e sua língua.

6- *Wa’i Duhi Ta’ri Hire*: sobre domesticação e estrangeirização.

Por questão de objetivo, o enfoque da análise será apenas na narrativa *Wa’i Duhi Ta’ri Hire*, traduzida para o português como *De Pássaro Para Peixe* e para o inglês como *From Bird to Fish*. Dessa narrativa, dez casos serão abordados levando em consideração o exposto até então, dando enfoque aos conceitos de domesticação e estrangeirização. Como metodologia de análise, utilizamos a leitura estereoscópica, procedimento sugerido por Marilyn Gaddis Rose, que evidencia elementos textuais ao serem dispostos lado a lado. A estereoscopia se trata de

um processo fotográfico que produz efeito tridimensional graças à utilização de dois registros simultâneos, em duas perspectivas diferentes, do mesmo assunto. Assim, com o texto paralelo, texto fonte e texto alvo, os elementos textuais são exemplificados na tentativa que a tradução realiza quando busca redizer um texto anterior. (DePaula, “Textualidade & Tradução” 211)

É importante mencionar que informações relacionadas ao contexto no qual a obra em questão foi concebida foram detalhadas na seção 4 deste trabalho. Tais dados são relevantes uma vez que corroboram a ideia de que o processo também reflete ideologias. Venuti (*A invisibilidade do Tradutor*) insiste que se entenda o tradutor como um sujeito inserido em uma conjuntura que não está desassociada de questões políticas, ideológicas, culturais e psicológicas.

De tal forma, o primeiro caso a ser abordado é relacionado à capa da obra. É importante lembrar que se trata de uma obra trilingue, transcrita em Kotiria com traduções para português e inglês. O que chama a atenção é o posicionamento do nome dos tradutores⁴, que aparecem em destaque, inclusive acima do nome da organizadora. A importância de tal ato não é apenas sinal da visibilidade dos profissionais, mas, sobretudo de tradutores kotirias, informação que o leitor terá na introdução. Tal fato está completamente relacionado com a relação que Venuti faz entre tradução e formação de identidades culturais, vista que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (*Escândalos da Tradução* 130). Nesse caso, a importância de se deixar em evidência os tradutores é também para alertar ao leitor que são indígenas que estão traduzindo sua própria cultura, as vozes que estão constituindo as representações que espelham valores kotirias são deles próprios. Tal questão está relacionada com toda a crítica pós-colonial, isto é, a busca de dar voz aos que vem sendo silenciados ao invés de querer ser a voz deles.

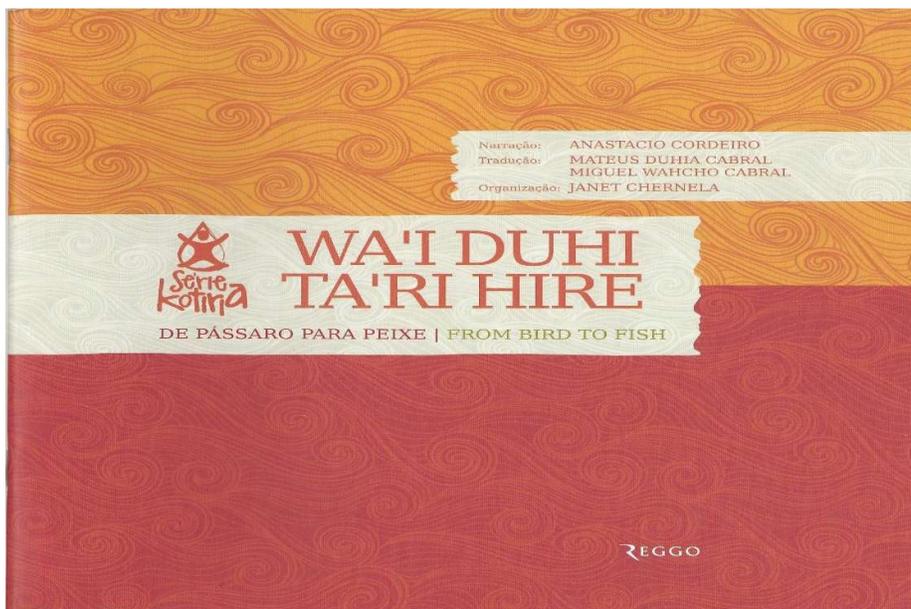


Figura 1: Capa da narrativa *De Pássaro Para Peixe*

⁴ É importante apontar que, apesar de na capa aparecer apenas o nome dos dois tradutores indígenas, a antropóloga Janet Chernela foi responsável também pela tradução, principalmente para o inglês. Os textos também passaram pela revisão de Maria Sílvia Cintra Martins, Joanna Filgueiras, Márcio Filgueiras e Jesus Maia, como consta na contracapa.

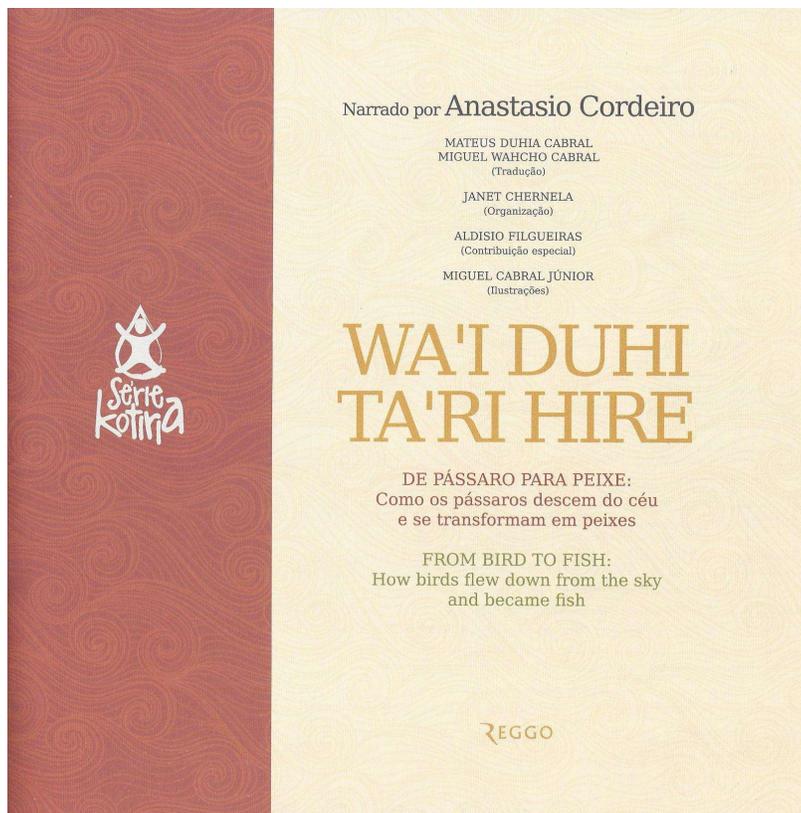


Figura 2: Folha de rosto da obra *De Pássaro Para Peixe*.

Seguindo os mesmos parâmetros da capa, a contracapa apresenta em destaque o indígena que narrou a história transcrita e traduzida, seguido dos nomes dos tradutores, organizadora, contribuidor e ilustrador. O que chama mais atenção na contracapa é que as traduções para o português e o inglês, diferentemente da capa, não apresentam apenas o título, mas também um subtítulo, como uma forma de explicação (Barbosa 75). De acordo com Venuti, poder-se-ia entender que se trata de uma domesticação, já que os leitores lusófonos e anglófonos teriam uma facilitação do título, uma vez que para o leitor de Kotiria apenas com o título seria capaz de compreender do que a narrativa se trata.

O terceiro aspecto relevante está relacionado às páginas 3 e 4 da referida obra, a introdução. Assinada por Janet Chernela, a antropóloga que é apresentada como organizadora da obra, as palavras iniciais são dispostas em duas colunas, em português e inglês, e têm como função dar explicações extras sobre a narrativa, com informações sobre como os Kotirias compreendem os ciclos rítmicos, sua cosmologia e como os pássaros se transformam em peixes (foco dessa narrativa), além dos importantes dados sobre como a obra foi concebida, como já supracitado. O primeiro fato curioso desta seção é a omissão de uma introdução em língua Kotiria que nos levaria a perguntar as razões de tal escolha. Poderíamos pensar que os indígenas estão dispensados da explicação sobre sua própria cultura, mas será que eles não estariam interessados em saber como sua cultura é traduzida e explicada por uma antropóloga estadunidense? Ou, dispensadas as explicações culturais, não estariam eles curiosos para entender o processo de concepção das narrativas? É claro que

estamos cientes de que os Kotirias estão imersos em uma cultura completamente híbrida, com fluência em português e alguns inclusive em inglês. Entretanto, se a obra se propõe como uma retomada das histórias desse povo, seria interessante considerarmos palavras introdutórias na língua deles, inclusive ressaltando a importância de se valorizar tais narrativas.

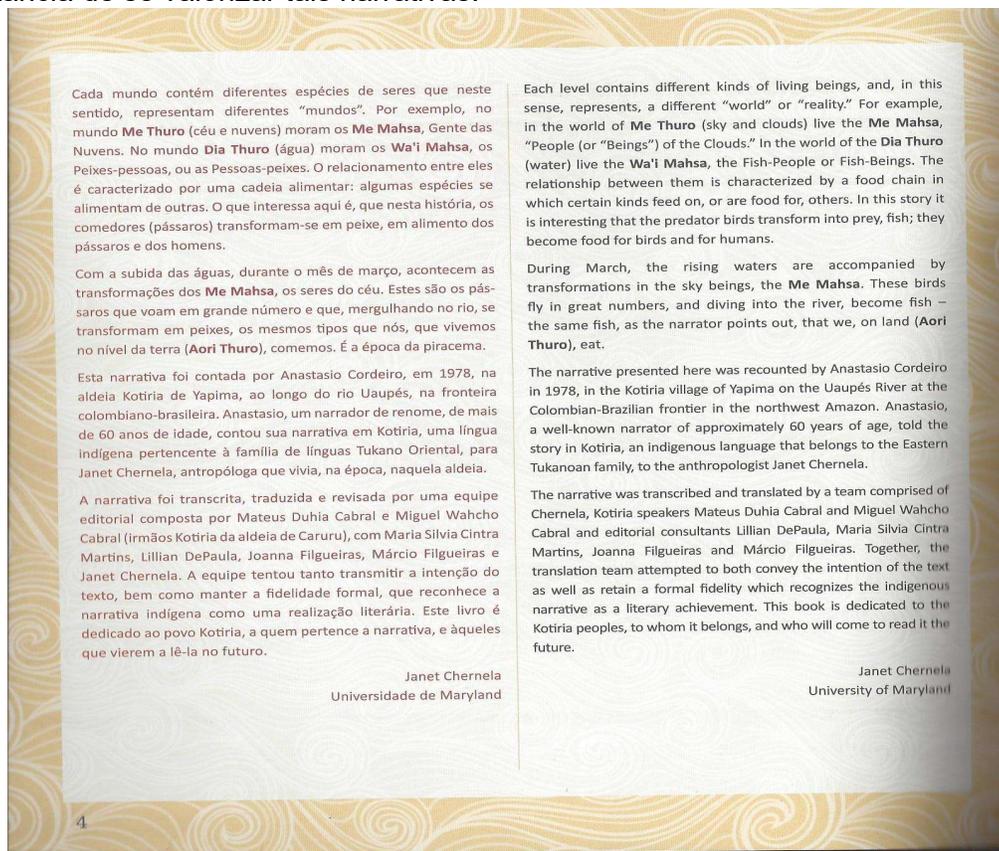


Figura 3: Página 04, parte da introdução da obra.

Ainda sobre as páginas introdutórias, há outra questão digna de nota: a omissão da frase “é a época da piracema” na versão em língua inglesa. Palavra de origem tupi, comum para muitos brasileiros, significa “saída de peixe”, ou seja, é o nome dado para o período quando os peixes sobem os rios, contra a correnteza, buscando suas nascentes para desovar. Por que tal informação foi omitida da versão em língua inglesa? Por que não incluí-la com uma explicação, talvez em nota, do fenômeno tão representativo não apenas na cultura Kotiria, mas de comunidades ribeirinhas de forma geral, logo, parte da cultura brasileira? Novamente, considerando os pressupostos teóricos venutianos, poderíamos entender tal ato como uma forma de domesticação do processo discursivo, uma vez que, para facilitar a leitura para o leitor foi omitida uma importante informação.

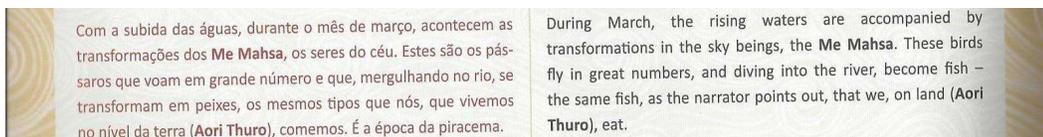


Figura 4: Introdução. Destaque para a omissão do termo piracema.

O quinto ponto que levanto já se refere às ilustrações. Apesar de não mencionado em nenhum local da obra, todos os desenhos que ilustram a narrativa foram realizados também por um indígena, Miguel Cabral Junior, filho de um dos tradutores. Tais produções podem ser classificadas, retomando Roman Jakobson, como traduções intersemióticas, ou seja, de um sistema de comunicação a outro, no caso, do poético para o pictórico. Assim, a forma do texto fonte passa a ter gêneros textuais distintos. Nesse caso, as perspectivas de um indígena sobre a narrativa pertencente a sua cultura é prevaída, o que leva aos leitores das traduções a terem contato com o *estrangeiro*. Poder-se-ia optar por não apresentar ilustrações, ou contratar ilustradores profissionais, mas os desenhos tem um papel fundamental e de destaque em toda a narrativa, direcionando a visão dos leitores ao olhar de um indígena.

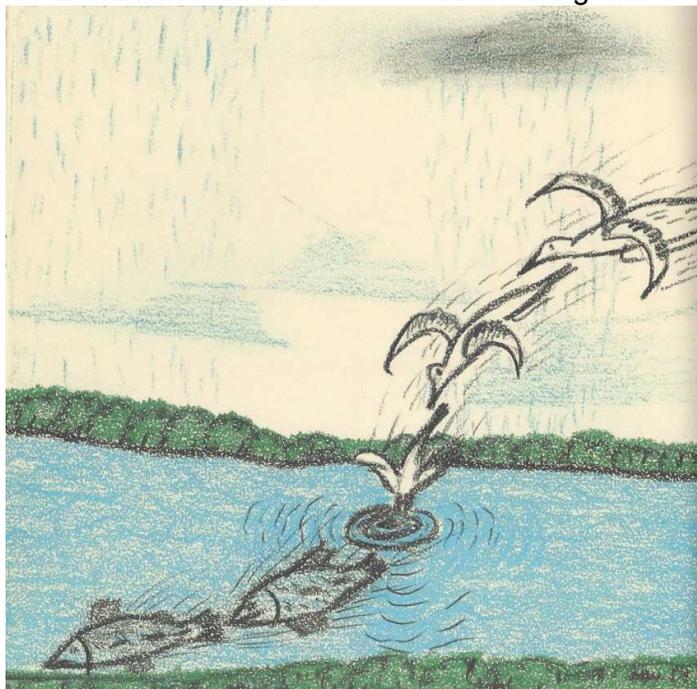


Figura 5: Exemplo de uma das ilustrações realizada pelo indígena Miguel Cabral Júnior.

As próximas três questões estão relacionadas à narrativa propriamente dita, principalmente às traduções. Na página 7 da referida obra há as seguintes frases reproduzidas abaixo respeitando a ordem de aparecimento:

A'rina wa'i duhi ta'ri hire

Lá no começo, *antes do começo*, os peixes desceram do *cosmo celestial*.

In the beginning fish came down from the sky.

Os itálicos não estão no livro, mas foram postos aqui apenas para chamar a atenção de alguns pontos. Pode-se perceber que a versão em português difere da em inglês em dois pontos: um aposto que não aparece na versão em língua inglesa e a diferença entre *cosmo celestial* e *sky*.

No primeiro caso, a omissão em inglês acaba por modificar a concepção de tempo que se explicita em português. Tempo é algo que certamente mereceria maior atenção dos tradutores, já que possivelmente a questão temporal abordada pelos kotirias engloba concepções para além da ideia cronológica que vivemos.

No segundo aspecto destacado, os leitores lusófonos tem uma concepção que engloba o céu e o para além dele, já que *cosmo* designa algo na sua totalidade, o universo em seu conjunto. Já o leitor da tradução para o inglês tem como referência *sky*, ainda que inglês haja as palavras *cosmos* e *celestial*. A melhor opção neste caso seria recorrer à produção em kotiria para investigarmos qual tradução abarca mais possibilidades de encontros com a cultura indígena. Como já explicado, a falta de conhecimento da língua nos impede ainda de chegar a este ponto, mas isso não invalida nossa análise, uma vez que ao cotejar as duas outras versões temos discrepâncias que nos revelam que este é um ponto que possivelmente traz dificuldades aos tradutores na tentativa de transpor determinado aspecto da cultura indígena para culturas “ocidentais”. Na introdução há uma explicação dizendo que na cultura Kotiria há cosmos verticais e sobrepostos, um por cima do outro. De tal forma, nesta passagem podemos supor que há uma concepção que vai para além de céu. Novamente, podemos pensar que os tradutores, principalmente em língua inglesa, estiveram mais tendenciosos a domesticar essa concepção que não traz possivelmente nenhum remetimento instantâneo aos leitores de português e, especialmente, de inglês.

Na página 9 estão presentes dois pontos curiosos que merecem reflexões. Novamente, as frases estão reproduzidas abaixo respeitando a ordem de aparecimento:

A'iro ko dahsea muãnopu
duhi ta'ri hire, õ phu'iro
tachuu, *Pascua* hichu tina
duhiri hire.

O mergulhão desceu da *abóbada celeste*.
Era *Páscoa* e ele veio descendo e descendo.

It was *Easter* time when the cormorants came down.

Mais uma vez, destacamos em itálico as partes que no cotejo nos pareceram dignas de análise. A primeira questão se refere ao conceito *páscoa*. Nas três versões é possível notar que há tal palavra. Entretanto, vale ressaltar que a páscoa faz parte de uma tradição judaico-cristã, com uma longa rede de significações bem complexas nas sociedades ocidentais. Quando as narrativas foram gravadas, no final da década de 1970, os indígenas já haviam tido contato com valores ocidentais, principalmente os cristãos, há séculos. Entretanto, poderíamos refletir que páscoa seria esta a que eles se referem, uma vez que tal ciclo explicado pela narrativa já existia antes mesmo do “homem branco”. É possível supor que tal conceito, para os indígenas, está para

além dos valores cristãos, significando isso e além. Ou seja, para eles a páscoa também está entrelaçada ao momento que os pássaros começam a descer do cosmo celestial, algo que não faz parte das acepções dos indivíduos fora desse sistema de significação. Por analogia, poderíamos pensar nas fogueiras das festas juninas, tradição pagã para celebrar o solstício de verão no hemisfério norte, que foi incorporado à festa de São João Batista. Para os pagãos, a fogueira representava a chegada do verão, para os cristãos da Idade Média significava não apenas a chegada do verão, mas também o momento de adorar um santo católico. Em todo caso, não há nenhuma nota de rodapé apontando sobre essa questão na narrativa.

Ainda, na página 9, vale apontar outro caso destacado que mostra diferenças claras entre as versões em língua inglesa e portuguesa. Enquanto aos leitores lusófonos é explicitado que o mergulhão desce da *abóboda celestial*, em inglês não há qualquer menção ao fato. Novamente, a versão em língua inglesa parece limpar qualquer traço que cause certo desconforto ao leitor anglófono. Quanto a essa questão vale lembrar que Venuti diz que “os padrões tradutórios que venham a ser razoavelmente estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço das agendas domesticadores” (*Escândalos da tradução* 130).

Como último ponto relacionado à narrativa em si, vale ressaltar a página 15, tendo suas frases transcritas abaixo respeitando a ordem de aparecimento:

Siripia hiri (a’ri) tina muano
Tainá *me mahsa*, borañohãri
hire diapɔ tina dohori hire
sewaka buhuina daaina
Aí, vieram as andorinhas, caindo, caindo,
Gente das Nuvens (*Me Mahsa*), caíram, foram
virando piabas grandes e miúdas.

Swallows – Cloud People (*Me Mahsa*) – came
down from the sky, fell into the river, and
turned into minnows.

O que colocamos em itálico nesses trechos é o uso do conceito *Me Mahsa* presente também nas versões em língua portuguesa e inglesa. O uso do estrangeirismo provoca o leitor, fazendo-o parar por instantes para perceber que aquele conceito não acaba apenas na tradução literal (Gente de Nuvens), remetendo-o às palavras introdutórias que explicam que para os kotirias *Me Mahsa* faz parte de um dos níveis sobrepostos do cosmos. Aqui temos um exemplo da estrangeirização da tradução, levando o leitor a não se esquecer de que não se trata de um texto produzido em português ou inglês, mas de traduções. De tal modo, o leitor ficaria mais atento às especificidades e conjuntura da obra de partida.

Antes do nono ponto observado, vale ressaltar que o leitor que possui domínio tanto de português quanto de inglês poderá perceber uma voz muito mais poética na versão em língua portuguesa com o uso de anadiplose, anáfora, assíndeto etc. O leitor de língua inglesa tem a sua disposição um texto mais sóbrio e objetivo, dando um ar mais informativo. Tal diferenciação entre as duas versões do texto pode levar o leitor a se questionar se os tradutores teriam tornado o texto em inglês mais moderado por

enxergarem a língua inglesa de forma mais pragmática ou por acreditarem ter o português uma prolixidade característica das línguas latinas, por isto deram à versão lusófona ares mais poéticos. Assim, há uma produção de *ethos* que diverge entre o inglês e o português.

Como último aspecto dessa análise, vale apontar que na última página da obra há uma pequena biografia e uma foto da pesquisadora e organizadora da série Janet Chernela. O texto é produzido em português e não há versões para a língua kotiria nem para o inglês. Não diminuindo a importância da pesquisadora, mas, sobretudo valorizando o papel dos indígenas e tradutores da obra, acreditamos que um pequeno texto também sobre Mateus Duhia Cabral e Miguel Wahcho Cabral deveria constar na obra. Se nós buscamos valorizar os indígenas e conseqüentemente romper com uma tradição usurpadora que há mais de cinco séculos vem se utilizando dos ameríndios para ganho próprio, devemos dar a eles igual visibilidade e prestígio. Vale mencionar que tais produções deveriam constar nas três línguas, não apenas em português, levando tais informações aos mais diversos públicos.

7- Algumas considerações finais... iniciais.

Como supracitado, a retomada das narrativas dos kotirias e a subsequente tradução e publicação de até então duas delas podem ser entendidas como formas de resistência às contínuas tentativas de se produzir uma história universal, pois tais narrativas permitem que conheçamos outros pontos de vista, principalmente daqueles que vêm sendo silenciados.

As traduções das narrativas para o português e o inglês, foco deste trabalho, possibilitam a sobrevida tanto da língua quanto de toda uma rede significações políticas, ideológicas e culturais. Afinal, como já exposto, uma língua que não se deixa traduzir, morre imediatamente (Derrida, "Living On: Border Lines").

Podemos enxergar que, de forma geral, as narrativas se aproximam do que Venuti enfatiza e defende como *escritas de resistência*, pois, até certo ponto, subvertem os modelos discursivos hegemônicos. Primeiramente, por se tratarem de produções discursivas periféricas, além de valorizarem esteticamente a posição prioritária da língua indígena e, finalmente, pelas traduções possuírem traços/rastros da língua indígena, levando os textos traduzidos a adquirirem marcas de uma literatura que está em posição marginal em relação aos seus cânones.

Entretanto, apesar das narrativas serem exemplos de casos recalcitrantes que extrapolam os limites impostos pelos paradigmas dominantes e expõem a capacidade de comunidades indígenas se autorrepresentarem, transformando a tradução de ferramenta de silenciamento para artefato que possibilita recontar histórias, há momentos e aspectos que nos levaram à necessidade de se questionar e refletir determinadas escolhas dos envolvidos no projeto. É importante o cuidado para que a fluidez do texto traduzido, uma das características da tradução domesticadora e que conseqüentemente é valorizada no mundo ocidental, não se aproprie do texto indígena de modo que substitua suas características sociais, ideológicas e culturais.

Vale considerar que a retomada das narrativas visibiliza não apenas os tradutores envolvidos na obra, mas acima de tudo uma cultura que se esforça para não permanecer silenciada até ser esquecida por vozes que insistem em buscar uma história essencialista e una. Entretanto, é importante estarmos constantemente vigilantes para que essas fissuras que vão se abrindo nos muros do Ocidente sejam

verdadeiras possibilidades de tais grupos tomarem a palavra para si, buscando suas formas de autorrepresentação, permitindo que gerações futuras conheçam suas histórias a partir de suas próprias bocas, estas que cruzam as nossas e que cruzam as dos outros.

Com essas considerações em mente, acreditamos que estamos agindo de modo a proporcionar mais entendimento, possibilidades de apaziguamento e, assim, nos aproximando mais do que outro importante grupo indígena brasileiro – o povo Canela (Timbira), localizados na região do estado do Maranhão – chama de *m'ypé*⁵. Tal conceito pode ser traduzido para o português como algo próximo a modos de reparação. Para entender melhor o que *m'ypé* pode significar para o povo Canela, vale retomar de forma sucinta o relato do antropólogo William Crocker⁶ quando, em 1995, este em conversa com Steve Schecter – com quem vinha cooperando na documentação visual desses indígenas desde a década de 1970 – é questionado sobre qual seria o valor central do povo Canela, o que seria a base daquela sociedade, o que os distinguiam de outros grupos. Crocker, sem titubear, respondeu que seria “*to m'ypé*”, que se tratava da capacidade de compartilhar os alimentos, o corpo e a vida uns com os outros. A questão do *m'ypé* está fortemente atrelada à capacidade que o canela tem de se dar ao outro. A forma de ser, que o contato para além da comunidade indígena os fez apegar, é retomada hoje – graças aos documentários e escritos criados por Crocker e sua esposa, Jean – como forma de resistir aos sucessivos apagamentos realizados quando acabamos por sepultar línguas.

Assim, que a retomada das histórias do povo Kotiria seja uma forma de apaziguar os problemas, de tentar reparar minimamente os efeitos causados por séculos de lutas, e que tal gesto signifique novas formas de compartilhar saberes, não sobre o eu ou o outro, mas sobre todos nós, sempre sobredeterminados.

Referências

- Barbosa, Heloisa G. *Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2004. Print.
- Chernela, Janet, org. *Ña'pichoã/ As Estrelas de Chuva: o ciclo anual de chuvas e enchentes*. Manaus: Reggo Edições, 2014. Print.
- , org. *Wa'i Duhi Ta'ri Hire/ De pássaro para Peixe: como os pássaros descem do céu e se transformam em peixes*. Manaus: Reggo Edições, 2014. Print.
- Crocker, W. H., e Crocker, J. G. *Os Canelas: parentesco, ritual e sexo em uma tribo da chapada maranhense*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009. Print.
- DePaula, Lillian. “Textualidade & Tradução.” *Tradução: sobre a quinta habilidade na língua, no outro, na arte*.” Orgs. L. DePaula, P. Rezende, M. Castro e T. Pertel. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014:211-22. Print.

⁵ Mais sobre o conceito chamado de *M'ypé*, estudado pelo antropólogo americano William H. Crocker, no livro *Os Canelas: Parentesco, Ritual e Sexo em uma Tribo da Chapada Maranhense* e no artigo “The Canela *m'ypé*: ‘mending ways’ or modos de reparação, the splendour and misery (need there be?) of presenting new social categories through translation” publicado no “The Journal of Specialized Translation” dos autores Lillian DePaula e Márcio Filgueiras.

⁶ Para maior aprofundamento conferir *The making of “Mending Ways”*, verificar nas referências.

- . "Porque a tradução importa aos estudos da linguagem." *Da análise descritiva aos estudos discursivos da linguagem a linguística no Espírito Santo*. Orgs. L. N. Vidon e M. P. P. Lins. Vitória: PPGEL/UFES, 2009: 174-82. Print.
- DePaula, Lillian, e Márcio P. Filgueiras. *The Canela m y pé: mending ways or modos de reparação, the splendour and misery (need there be?) of presenting new social categories through translation*. *Jostrans* 1 (2015): 150-61. Web.
- Derrida, Jacques. "Living On: Border Lines." *Deconstructions & Criticism*. Org. G. Hartman. Nova Iorque: The Seabury Press, 1979: 75-176. Print.
- . *L'oreille de l'autre*. Montreal: VLB Éditeur, 1982. Print.
- . *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editoria UFMG, 2006. Print.
- . *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2011. Print.
- Hobsbawm, E., e T. Ranger, orgs. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Print.
- Jakobson, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969. Print.
- "The Making of 'Mending Ways: The Canela Indians of Brazil.'" *Smithsonian Research*. Smithsonian National Museum of Natural History. n.d. Web. [Último acesso: 27 de abril de 2016].
- Lewis, Philip E. The Measure of Translation Effects. In: VENUTI, L. *The translation studies reader*. Londres: Routledge, 2004. cap. 20, p. 264-83
- Mignolo, W. D. "Misunderstanding and Colonization: The Reconfiguration of Memory and Space." *The South Atlantic Quarterly* 92.2 (1993): 209-60. Print.
- Niranjana, T. *Siting Translation: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. California: University of California Press, 1992. Print.
- Orlandi, E. *Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Print.
- Otoni, Paulo. *Tradução manifesta: double bind & acontecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Edusp, 2005. Print.
- . "Compreensão e Interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação." *Lusorama – Zeitschrift für Lusitanistik*: Vol.32.1997:19-27. Print.
- Oustinoff, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Print.
- Rose, Marilyn Gaddis. *Translation and Literary Criticism*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997. Print.
- Schleiermacher, F. "Sobre os diferentes métodos de tradução." *Clássicos da teoria da Tradução: antologia bilíngüe: Vol. I, Alemão/Português*. Org. W. Heidermann. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001: 38-103 Print.
- Stenzel, K. *A Reference Grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013. Print.
- Venuti, L. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge, 2008. Print.
- . *A invisibilidade do tradutor*. *Palavra* 3 (1996): 111-34. Print.
- . *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Bauru: EDUSC, 2002. Print.
- . "Introduction." *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. Org. L. Venuti. London/New York: Routledge, 1992: 01-17. Print.